

SINDICATOS RURAIS



Minha 1ª vez no Tribuna

Comédia made in Ribeirão

“Entre os escassos talentos que Ribeirão Preto revelou para o Brasil (e para o mundo, no caso do futebol), não se tem notícia de nenhum humorista. Seria o ribeirão-pretano um sisudo ou simplesmente um péssimo piadista? Pois fiquem sabendo que nos últimos quatro anos, um ex-bancário de 26 anos vem despontando em toda a região como uma das futuras promessas na área do riso”

Assim, o jornal apresentou ao mundo – ok, sejamos modestos, ao interior de São Paulo – Roberto Édson, que dizia ser fã de Jô Soares e gostar de tudo, “da velha e da

nova geração de comediantes da TV, de Chico Anysio a Tom Cavalcanti, da ‘Família Trapo’ ao ‘Sai de Baixo”.

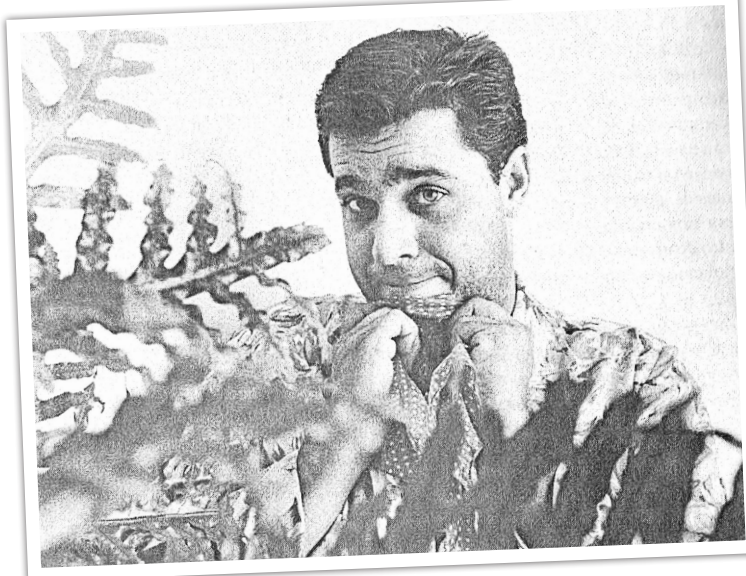
O texto explicava que os profissionais do riso podem ser divididos em duas categorias: a dos comediantes, na qual ele se enquadra, e a dos humoristas. “O comediante interpreta e o humorista escreve. Eu interpreto mais do que escrevo. Na verdade, meus textos são uma adaptação de coisas que eu ouço por aí”, dizia.

Desses ‘causos escutados’ surgiram os dois primeiros personagens, Chico Saideira e Gil Boquete, que protagonizavam o show ‘Chutando

Primeiro personagem foi um bêbado

Chico Lorota só apareceu em 2001

REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA



Gil Boquete foi o segundo personagem de Roberto Édson

O primeiro personagem de Roberto Édson foi o bêbado Chico Saideira – que depois viria a ser conhecido apenas pelo apelido.

Depois dele, veio o gay Gil Boquete. “Era uma bicha que eu não conseguia encontrar sua personalidade. Os elementos de cena dela eram muito fervidos, estereotipados. E eu não queria isso, então não toquei adiante”, revela.

Na temporada do ‘Chutando o pau da barraca’ no Teatro Municipal, em Ribeirão Preto, em 1998, surgiu o protótipo daquele que viria a se tornar seu maior sucesso. O primeiro bloco era só de piadas, de cara limpa - que é o que hoje chamam de *stand-up comedy*. Depois vinham os personagens. “Foi aí que fiz o Oripinho Marvadeza, um caipira que estreei nesse espetáculo”, conta.

Em 2001, a EPTV o convidou para fazer um quadro no programa Caminhos da Roça, produzido pela afiliada da TV Globo e voltado à cultura e tradição do homem

do campo. Mas, seria um caipira “menos estereotipado” que Oripinho Marvadeza. “Aí surgiu o Chico Lorota, que deu muito certo e, inclusive, hoje é uma marca registrada”.

Em tempo: lembra que o Chico Saideira, em determinado tempo, virou só ‘Saideira’? Foi exatamente aqui. “Pô, eu não vou ficar com dois Chicos, né? Aí eu peguei e deixei só Saideira”, confessa o comediante.

A inspiração para o Chico Lorota, Roberto Édson já deixava claro desde a primeira entrevista ao Tribuna, três anos antes ainda de dar vida ao caipira. “Sempre fui muito fã de muitos humoristas, principalmente aqueles que representavam o caipirismo brasileiro: Mazzaropi, que era o rei de todos; Nhô Moraes; Nhá Barbina; o Simplicio, que fazia o Ituano, da Praça da Nossa... Mas, naquela época, eu estava consumindo muito o Nérso da Capitanga, que é, na minha opinião, também um monstro do humor brasileiro”, completa, quase 30 anos, o comediante.

Moacyr Franco e Rogério Cardoso fizeram sucesso por aqui nos anos 1950

WIKIPEDIA



O Mendigo, da Praça da Alegria, foi o primeiro personagem de sucesso na TV de Moacyr Franco (direita)



DIVULGAÇÃO

o pau da barraca’. “Meu roteiro se molda de acordo com a plateia. É preciso ter este lance de pegar o momento e para isso o improviso é fundamental”, dizia ele.

O Teatro Municipal, de Ribeirão Preto, ficou pequeno para tanta gente. “Na época, o teatro comportava 565 pessoas. Ficaram, nesse dia, 200 pessoas para o lado de fora, sem ingresso para comprar. As pessoas iam chegando e não tinha ingresso”, relembra, hoje, Roberto Édson.

Palhaçadas em família

As primeiras piadas do comediante, como de muitos outros, foram para a família e amigos. O talento só ganhou os palcos na faculdade de Educação Física, em Batatais. Foi lá que apresentou, praticamente convocado, seu primeiro espetáculo: o ‘Gozando do avesso’, show para arrecadar fundos para a formatura e que lotou o Teatro Municipal da cidade vizinha.

Calma, não foi por causa de Roberto Édson, mas sim pela competência da comissão de formaturas que vendeu todos os convites...

“Passei, então, a receber vários convites para shows. Comecei a pesquisar mais e pegar jeito pela coisa”, contou.

Foi assim que nasceu o ‘Chutando o pau (...)’, show que surgiu em 1995 e apresentava em toda região, além de convenções de empresas.

Mesmo com o sucesso, o comediante não escondia, em 1998, o desejo de chegar até a televisão. “O artista tem que aparecer e a TV é a melhor forma para isso”, contou.

E não demorou muito para isso...

Chico Lorota: comédia ultrapassando fronteiras de Ribeirão Preto

Capa do Tribuna ajudou a lotar teatro, diz comediante

Não foi a primeira vez que ele apareceu em um jornal. Mas ser capa do Tribuna Ribeirão e uma matéria de página inteira, garante Roberto Édson, ajudaram a lotar o Teatro Municipal em 1998 – esperamos, claro, que ele esteja falando sério...

“A repercussão foi foda! Era capa de jornal, entendeu? Naquela época, se consumia muito mais jornal impresso do que o digital, então me ajudou muito. O sucesso do

evento foi monstruoso, superamos as expectativas”, relembra o comediante, que gosta de afirmar que ele e o Tribuna têm o mesmo tempo de carreira. “Começamos juntos, em 1995”.

“A gente esperava um show normal e deu que até o pessoal da região começou a vir. A diretora do teatro falava: não, não vem não, porque não tem mais ingresso...”, diverte-se. “Guardo com muito carinho essa matéria, foi muito bacana”.

“Meu primeiro show surgiu em 1995, o ‘Chutando o pau da barraca’. Eu e o Tribuna Ribeirão começamos juntos”.



Comediante diz que ter sido capa do Tribuna Ribeirão, em 1998, “ajudou a lotar o Teatro Municipal”

Caipira multimídia

Atualmente, o comediante Roberto Édson apresenta o programa ‘Dois tons de Chico’, ao lado do jornalista Chico Ferreira, na TH+ TV (antiga TV Thathi), que vai ao ar todas as quintas-feiras, às 19 horas, com reprises ao longo da semana. Eles recebem convidados para conversas descontraídas, com temas variados como cultura, política e entrevistas.

Além disso, tem participado de programas em rede nacional, como o ‘Melhor da Noite’, apresentado por Otaviano Costa, na Band. Ele marcou presença no quadro ‘Vale Tudo, Menos Espir’, que também contou com a participação de Rafael Cortez e Lumena Aleluia.

Nas redes sociais, o pai do Chico Lorota pode ser encontrado no @comedianterobertoedson.

séries e oito filmes.

Já Moacyr Franco, apenas seis meses mais velho que Rogério Cardoso, nasceu em Ituiutaba, interior de Minas. Aos 20 anos, ganhou um concurso de melhor cantor na Rádio Difusora, de Uberlândia (MG).

Três anos depois, mudou-se com a família para Ribeirão Preto. Tal como Cardoso, foi trabalhar na PRA-7, onde ficou pouco tempo. “Um dia, o Boni, que tinha negócio com a PRA-7, me convidou para trabalhar com ele em São Paulo, como desenhista e pintor de propaganda. Em Ribeirão, eu cantava com orquestra, fazia humor e trabalhava em dois cinemas e na oficina de pintura. Em São Paulo, trabalhei um dia de desenhista, ganhei um programa de calouro que o Boni patrocinava e fui trabalhar de figurante na televisão”, contou Moacyr, ao site Memória Globo.



Estrela mundial, bailarino caminhou anônimo pelo Calçadão

A versão em inglês da Wikipédia o qualifica como o “mais proeminente bailarino de balé clássico masculino das décadas de 1970 e 1980, e posteriormente um notável diretor de dança”. No texto em português da enciclopédia online colaborativa e multilíngue, “é citado, ao lado de Vaslav Nijinsk e Rodolf Nureyv, como um dos maiores bailarinos da história”.

Prazer, Mikhail Baryshnikov!

Essa frase, por sinal, se o astro da dança mundial arranhasse o português, teria sido muito repetida em sua rápida passagem por Ribeirão Preto, incluída na curta temporada brasileira de ‘Heartbeat: MB’, onde as batidas de seu coração, amplificadas por um aparelho, funcionavam como uma espécie de trilha sonora, incorporados à coreografia.

Com patrocínio cultural da CPFL | Companhia Paulista de Força e Luz, a turnê solo passou também por São Paulo e Rio de Janeiro, na segunda quinzena de novembro de 1998.

Comemorando 50 anos na época, Baryshnikov - ou Misha, como também é conhecido - mostrou fôlego suficiente para sustentar um espetáculo completo, proporcionando lembranças que até hoje povoam a memória dos privilegiados que tiveram a oportunidade de assisti-lo no Theatro Pedro II. Poucos convites chegaram às bilheterias, a maioria foi distribuída como cortesia a convidados da companhia de energia elétrica.

O lado insólito da presen-

ça histórica do bailarino pela cidade - e que não passou despercebido aos olhos do Tribuna Ribeirão - foi o paradoxo: enquanto especialistas, profissionais e apaixonados pela dança veneravam o ídolo e faziam de tudo para conseguir ingresso para assisti-lo, o cidadão ‘comum’ da Capital da Cultura tropeçou em Baryshnikov no Calçadão ou até tomou um chope ao seu lado, sem saber de quem se tratava.

“Só fiquei sabendo que era ele quando o pessoal que o acompanhava me avisou. Ele é um cara tão simples que você nem nota a presença”, contou o garçom Cláudio de Cico, que atendeu a mesa do grupo do bailarino durante as quase duas horas que ficaram na famosa choperia ao lado do Pedro II.

Apenas um cliente, segundo ele, teria reconhecido Misha e ido até a mesa do astro da dança.

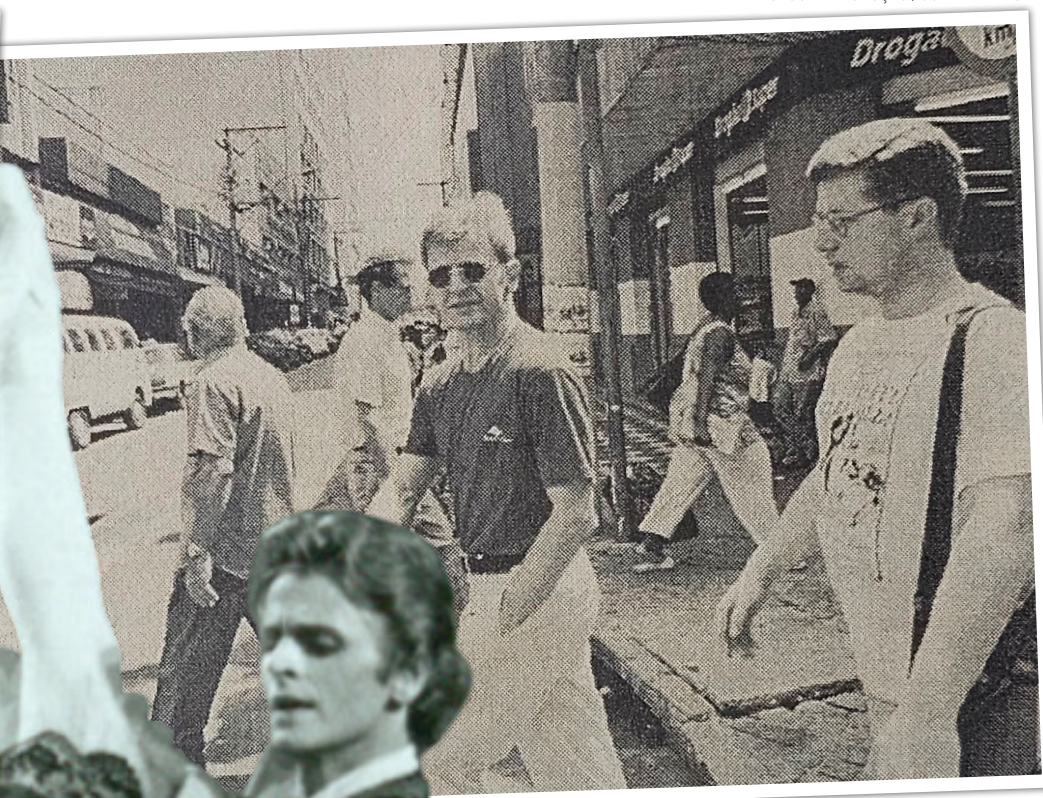
Cico afirmou não se interessar muito por dança, mas afirmou que conhecia o bailarino da televisão: mais jovem e magro. “Ao vivo, você percebe que já é um senhor dos seus 45, 50 anos. Eu também o achei bem ‘fortinho’”, afirmou. Baryshnikov mede 1,68m. Sobre seu peso, obviamente, não existem informações confiáveis.

Valéria Movio, operadora de caixa da mesma choperia, primeiro se disse surpresa. “Quando me falaram, não acreditei”. Depois, confessou que nem tentou conseguir ingresso para a apresentação. “Mas consegui um autógrafo”.

Nas ruas, a população demonstrava conhecer - e apre-



Misha passeou tranquilamente pelo Calçadão sem ser reconhecido



FOTOS: REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA



WIKIPEDIA

Baryshnikov desertou da União Soviética



WIKIPEDIA

Baryshnikov e LizaMinnelli, grande parceiros no palco

Mikhail Baryshnikov nasceu na Letônia, então ocupada pelos soviéticos, em 1948, e se tornou um dos mais célebres dançarinos do Kirov Ballet durante as décadas de 1960 e 70, até desertar para o Canadá.

Como bailarino, foi aclamado pela precisão de seus movimentos e pela capacidade de prolongar saltos dramáticos, o que hipnotizava o público. Também encontrou sucesso como coreógrafo e ator, sendo indicado ao Oscar por seu papel no filme ‘The Turning Point’, no final dos anos 1970.

Em junho de 1974, durante uma turnê no Canadá com o Bolshoi, Misha desertou, solicitando asilo político em Toronto. Anos depois, em 1986, se naturalizou cidadão dos Estados Unidos.

Além dos palcos, fez também carreira na televisão. Em 1976, estreou na TV americana. No ano seguinte, na tem-

porada de Natal, a CBS levou ao ar ‘O Quebra-nozes’, com Baryshnikov estrelando o papel-título. Embora o ballet de Tchaikovsky tenha sido apresentado na televisão muitas vezes, em várias versões diferentes, essa é até hoje uma das duas únicas a ser indicada ao Emmy.

Participou também da última temporada de Sex and the City, interpretando um artista russo.

Atualmente, Mikhail Baryshnikov atua em projetos como o Hell’s Kitchen Dance, campanhas publicitárias e como diretor artístico e apoiador de performances no seu Baryshnikov Arts Center, em Nova York.

Casado com a ex-bailarina Lisa Rinehart, com quem tem três filhos, ele também continua envolvido em atividades filantrópicas, tendo co-fundado a True Russia Foundation para apoiar as vítimas da guerra na Ucrânia.

Eu estava lá

Carla Petroni: “foi uma oportunidade mágica”



DIVULGAÇÃO

Para Carla Petroni, ver Baryshnikov em Ribeirão Preto foi uma das maiores memórias que viveu no teatro

Ela conhece todos os atalhos dos palcos. Abriu as cortinas da dança e formou milhares de meninos e meninas no Studium que leva seu nome. Participou - e venceu - centenas de competições. Assistiu premiadas companhias pelo mundo afora.

Ainda assim, a renomada dançarina, professora e diretora Carla Petroni classifica a presença de Mikhail Baryshnikov na cidade como inesquecível. “O Pedro II me traz lembranças lindas, mas a emoção de ter visto ele em Ribeirão Preto foi uma das memórias mais grandiosas que tive no teatro”, emociona-se até hoje.

Não foi a primeira vez que viu o astro da dança. No ano anterior, em viagem ao exterior, teve a honra de ver Misha ao lado de outro ícone da dança, Liza Minnelli. “Aquilo para mim já foi tudo. Meu Deus, eu vi o Baryshnikov! Passou um ano e ele estava aqui, em Ribeirão”.

Para tornar a experiência ainda mais marcante, lembra Carla Petroni, o espetáculo em comemoração aos 50 anos do bailarino trazia novas experiências. Ligado a vários fios, ele dançava ao som do próprio coração. “Eu lembro que imaginávamos que ele dançaria algum ballet de repertório, como ‘Quebras Nozes’ ou ‘Lago dos Cisnes’,

mas aí veio a ‘Batida do Coração’ (Heartbeat: MB). Foi algo moderno, um movimento que não estávamos ainda acostumados a ver ele dançar. Uma experiência grandiosa ver a possibilidade de o próprio corpo fazer som, trazer a musicalização junto com o movimento. Parecia que a gente estava nas nuvens”, lembra.

Depois do espetáculo, a dançarina ainda conseguiu ir ao camarim, conheceu Misha de perto, tirou fotos e conversou. Conversou? “Eu praticamente não falei, porque não falo nada, mas só de olhar e ver ele falando com as pessoas estava ótimo”, diverte-se Carla Petroni, que classifica a noite como “uma oportunidade mágica”.

O único ponto negativo para Carla Petroni foi não ter sido um espetáculo aberto a mais pessoas. Ela não teve dificuldades em conseguir ingresso, pois havia uma associação das escolas de dança em Ribeirão Preto e tiveram acesso à informação com antecedência. “Mas sei que sei que ficaram muitas pessoas para fora”. “Existem alguns ballets, espetáculos ou mesmo orquestras, que muitas vezes o público da dança não tem acesso, somente uma parcela da população que é contemplada, até mesmo por conta de questões financeiras”, lamenta.



“Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

“Votei contra a reeleição (à presidência da República), porque para mim foi o maior atraso para a política nacional. Estamos retrocedendo ao sistema da primeira República, onde serão reconstruídas as oligarquias”



Delfim Netto, economista, professor universitário e político. Foi um dos signatários do AI-5, embaixador do Brasil na França e ministro da Fazenda (1967 a 1974), da Agricultura (1979) e do Planejamento (1979 a 1985). Morreu em 2024, aos 96 anos.

“O Vandré me convidou para ir até a casa dele e me mostrou ‘Pra não dizer que...’. Eu disse: não grava isto não que vai dar bode. E ele respondeu: já está no festival da Globo”



Domingos Leoni, jornalista, locutor esportivo, compositor, radialista e publicitário, lembrando sua amizade com o compositor Geraldo Vandré, autor de ‘Pra não dizer que não falei das flores’.

“Nosso regime é errado. Em lugar dos partidos, as decisões ficam dependendo de 500 pessoas, cada uma com suas vantagens pessoais”.



Franco Montoro, político, analisando os erros do legislativo brasileiro. Segundo ele, o ideal seria o Brasil adotar uma forma mista de parlamentarismo, “como a existente em países como a França e Portugal”.

“Tenho um (revolver calibre) 38 na cintura, se alguém ameaçar minha integridade física eu vou usar na hora”.



Sílvio Martins, ex-vereador, escondido na sala da som da Câmara Municipal, durante uma das acaloradas sessões que definiram o destino da Ceterp | Centrais Telefônicas de Ribeirão Preto.

“O Sílvio (de Abreu) cobriu minhas pernas e me botou de salto baixo para eliminar a imagem que o público tinha de mim”.



Cláudia Raia, atriz e dançarina, sobre o papel da vilã Ângela Vidal, na novela Torre de Babel (1998).

“A cada dia que passa, a gente descobre que a Elis foi a maior cantora que tivemos. Muitas vezes só conseguimos medir as pessoas pelo vazio que deixam. Só depois que perdemos começamos a entender seu valor”.



João Bosco, cantor e compositor. A interpretação da cantora de seu bolero ‘Dois pra lá, dois pra cá’ ajudou a deslanchar a carreira de Bosco, nos anos 1970.

“O que a televisão faz hoje é debochar do cidadão comum. Isso não tem credibilidade. O humor de antigamente estava ligado ao cotidiano do povo e era usado até para formalizar a opinião pública. Isso é responsabilidade dos dirigentes da televisão brasileira, que com medo de se comprometer, amputaram a veia humorística desse país”.



Francisco Milani, humorista, ator e dublador, intérprete de personagens consagrados como Saraiwa, de Zorra Total, e Pedro Pedreira, da Escolinha do Professor Raimundo.

“Enéas (Carneiro) é o mais inteligente dos candidatos. Por isso não tem espaço na televisão”.



Walter Gomes, ex-vereador, na época candidato a deputado estadual pelo PRONA (Partido de Reedificação da Ordem Nacional), partido comandado pelo cardiologista e política, morto em 2007.